

destruindo milhares de vidas florescentes e desequilibrando a existencia romana para sempre.

Fim da vaidade humana.

O Imperio Romano, que poderia ter levado a efeito a fundação de um unico Estado na face do mundo, em virtude da maravilhosa unidade a que chegou e mercê do esfôrço e da proteção do Alto, desapareceu num mar de ruinarias, depois de suas guerras, de seus desvios, de seus circos cheios de feras e gladiadores.

Seu imenso organismo apodreceu nas chagas que lhe abriram a incuria e a impiedade dos proprios filhos e, quando não foi mais possivel o paliativo da misericordia dos espiritos abnegados e compassivos, dada a galvanização dos sentimentos gerais na mesa larga dos excessos e dos prazeres terrestres, a dor foi chamada a restabelecer o fundamento da verdade nas almas.

Da orgulhosa cidade dos imperadores não restou senão pedras sobre pedras. Sob o látigo da expiação e do sofrimento, os espiritos culpados trocaram a sua indumentaria para a evolução e para o resgate no cenário infinito da vida, e enquanto muitos deles ainda choram nos padecimentos redentores, gemem, sobre as ruinas do Coliseu de Vespasiano, os ventos tristes e lamentosos da noite.

XIV

A EDIFICAÇÃO CRISTÃ

Os primeiros cristãos.

Atingindo um periodo de nova compreensão, a respeito dos mais graves problemas da vida, a sociedade da época sentia de perto a insuficiencia das escolas filosóficas conhecidas, no proposito de solucionar as suas grandes questões. A idéia de uma justiça mais perfeita para as classes oprimidas tornara-se um assunto obsidente para as massas anónimas e sofredoras.

Em virtude dos seus postulados sublimes de fraternidade, a lição do Cristo representava o asilo de todos os desesperados e de todos os tristes. As multidões dos aflitos pareciam ouvir a sua misericordiosa exortação: — “Vinde a mim, vós todos os que sofreis e tendes fome de justiça e eu vos aliviarei” — e da cruz chegava-lhes, ainda, o alento de uma esperança desconhecida.

A recordação dos exemplos do Mestre não se restringia ás coletividades da Judéia, que lhe ouviram diretamente os ensinos imorredouros. Numerosos centuriões e cidadãos romanos conheceram pessoalmente os fatos culminantes das pregações do Salvador. Em toda a Asia-Menor, na Grecia, na Africa e mesmo nas Galias, como em Roma, falava-se Dele, da sua filosofia nova que abraçava todos os infelizes, cheia das claridades sacros-

santas do reino de Deus e da sua justiça. Sua doutrina de perdão e de amor trazia uma nova luz aos corações e os seus seguidores destacavam-se do ambiente corrupção do tempo, pela pureza de costumes e por uma conduta retilínea e exemplar.

A princípio, as autoridades do Imperio não ligaram maior importância à doutrina nascente, mas, seus apostolos ensinavam que, com Jesus Cristo, não mais poderia haver diferença entre os livres e os escravos, entre patrícios e plebeus, porque todos eram irmãos, filhos do mesmo Deus. O patriciado não podia acompanhar com bons olhos semelhantes doutrinas. Os cristãos foram acusados de feiticeiros e heréticos, iniciando-se o martirologio, com os primeiros éditos de proscrição. O Estado não permitia outras associações independentes, que não aquelas consideradas como cooperativas funerárias e, aproveitando essa exceção, os seguidores do Crucificado começaram os famosos movimentos das catacumbas.

A propagação do Cristianismo.

Na Judéia cresce, então, o número dos prosélitos da nova crença. O hino de esperanças da manjedoura e do calvário espalha nas almas um suave e eterno perfume. E' assim que os Apóstolos, cuja tarefa o Cristo abençoara com a sua misericórdia, conduzem as claridades da Boa-Nova por toda a parte, repartindo o pão milagroso da fé, com todos os famintos do coração.

A doutrina do Crucificado propaga-se com a rapidez de um relâmpago.

Fala-se dela, tanto em Roma como nas Galias e no norte da África. Surgem os advogados e os detratores. Os prosélitos mais eminentes buscam doutrinar, disseminando as suas idéias e interpretações. As primeiras igrejas surgem ao pé de cada Apóstolo ou de cada discípulo mais destacado e estudioso.

A centralização e a unidade do Imperio Romano facilitaram o deslocamento dos novos missionários, que podiam levar a sua palavra de fé ao mais obscuro recanto do globo, sem as exigências e obstáculos das fronteiras.

Doutrina alguma alcançara no mundo semelhante posição, em face da preferência das massas. E' que o Divino-Mestre selara com os exemplos as palavras de suas lições imorredouras.

Maior revolucionário de todas as épocas, não empunhou uma arma, além daquelas que significam amor e tolerância, educação e aclaramento. Condenou todas as hipocrisias, insurgiu-se contra todas as violências oficializadas, ensinando simultaneamente aos seus discípulos o amor indestrutível à ordem, ao trabalho e à paz construtiva. E' por essa razão que os Evangelhos constituem o livro da humanidade, por excelência. Sua simplicidade e singeleza transparecem na tradução de todas as línguas da Terra, prendendo a alma dos homens entre as luzes do céu, ao encanto suave de suas narrativas.

A redação dos textos definitivos.

Nesse tempo, quando a guerra formidável da crítica procurava atacar o edifício imortal da nova doutrina, os mensageiros do Cristo presidem à redação dos textos definitivos, com vistas ao futuro, não sómente junto aos apóstolos e seus discípulos, mas igualmente junto dos núcleos das tradições. Os cristãos mais destacados trocam, entre si, cartas de alto valor doutrinário para as diversas igrejas. São mensagens de fraternidade e de amor, que a posteridade muita vez não pôde ou não quis compreender.

Muitas escolas literárias formaram-se nos últimos séculos, dentro da crítica histórica, para o estudo e elucidamento desses documentos. A palavra "apócrifo" generalizou-se como o espantalho de todo o mundo. Historias

numerosas foram escritas. Hipóteses incontaveis foram aventadas, mas os sabios materialistas, no estudo das idéias religiosas não puderam sentir que a intuição está acima da razão e, ainda uma vez, falharam em sua maioria, na exposição dos principios e na apresentação das grandes figuras do Cristianismo.

A grandeza da doutrina não reside na circunstancia do Evangelho ser de Marcos ou de Mateus, de Lucas ou de João; está na beleza imortal que se irradia de suas lições divinas, atravessando as idades e seduzindo os corações. Não ha vantagem nas longas discussões quanto à autenticidade de uma carta de Inacio de Antioquia ou de Paulo de Tarso, quando o racionalismo absoluto não possue elementos para a prova concludente e necessaria. A opinião geral rodopiará em torno do crítico mais eminente, segundo as convenções. Todavia, a autoridade literaria não poderá apresentar a equação matematica do assunto. E' que, portas a dentro do coração, só a essencia deve prevalecer para as almas e, em se tratando das conquistas sublimadas da fé, a intuição tem de marchar á frente da razão, preludiando generosos e definitivos conhecimentos.

A missão de Paulo.

No trabalho de redação dos Evangelhos, que constituem, sem dúvida, o portentoso alicerce do Cristianismo, verificavam-se, nessa época, algumas dificuldades para que se lhes desse o preciso caráter universalista.

Todos os Apóstolos do Mestre haviam saído do teatro humilde de seus gloriosos ensinamentos, mas se esses pescadores valorosos eram elevados espíritos em missão, precisamos considerar que eles estavam muito longe da situação de espiritualidade do Mestre, sofrendo as influencias do meio a que foram conduzidos. Tão logo se verificou o regresso do Cordeiro ás regiões da Luz, a co-

munidade cristã, de modo geral, começou a sofrer a influencia do judaísmo e quasi todos os nucleos organizados da doutrina pretendiam guardar uma feição aristocratica, em face das novas igrejas e associações que se fundavam nos mais diversos pontos do mundo.

E' então que Jesus resolve chamar o espirito luminoso e energico de Paulo de Tarso ao exercicio de seu ministerio. Essa deliberação foi um acontecimento dos mais significativos na historia do Cristianismo. As ações e as epistolas de Paulo tornam-se um poderoso elemento de universalização da nova doutrina. De cidade em cidade, de igreja em igreja, o convertido de Damasco, com o seu enorme prestigio, fala do Mestre inflamando todos os corações. A princípio, estabelece-se entre ele e os demais Apóstolos uma penosa situação de incompreensibilidade, mas sua influencia providencial teve por fim evitar uma aristocracia injustificavel dentro da comunidade cristã, nos seus tempos inesquecíveis de simplicidade e de pureza.

O Apocalipse de João.

Alguns anos antes de terminar o primeiro seculo, após o advento da nova doutrina, já as forças espirituais operam uma análise da situação amargurada do mundo, em face do porvir.

Sob a égide de Jesus, estabelecem novas linhas de progresso para a civilização, assinalando os traços iniciais dos países europeus dos tempos modernos. Roma já não representa, então, para o plano invisivel, senão um fóco infeccioso que é preciso neutralizar ou remover. Todas as dádivas do Alto haviam sido desprezadas pela cidade imperial, transformada num vesuvio de paixões e de exgotamentos.

O Divino Mestre chama aos Espaços o Espírito de João, que ainda se encontrava preso nos liames da Terra

e o Apóstolo, atonito e aflito, lê a linguagem simbolica do invisivel.

Recomenda-lhe o Senhor que entregue os seus conhecimentos ao planeta como advertencia a todas as nações e a todos os povos da Terra, e o velho Apóstolo de Pátmos transmite aos seus discípulos as advertencias extraordinarias do Apocalipse.

Todos os fatos posteriores á existencia de João estão ali previstos. E' verdade que frequentemente a descrição apostolica penetra o terreno mais obscuro; vê-se que a sua expressão humana não pode copiar fielmente a expressão divina das suas visões de palpitante interesse para a historia da humanidade. As guerras, as nações futuras, os tormentos porvindouros, o comercialismo, as lutas ideologicas da civilização ocidental, estão ali por-menorizadamente entrevistos. E a figura mais dolorosa, ali relacionada, que ainda hoje se oferece á visão do mundo moderno, é bem aquela da igreja transviada de Roma, simbolizada na besta vestida de púrpura e embriagada com o sangue dos santos.

Identificação da besta apocalíptica.

Reza o Apocalipse que a besta poderia dizer grandezas e blasfemias por 42 meses (XIII — 6 e 7), acrescentando que o seu número era o 666. Examinando-se a importancia dos símbolos naquela época, e seguindo o rumo certo das interpretações, podemos tomar cada mês como sendo de 30 anos, em vez de 30 dias; obtendo, desse modo, um periodo de 1260 anos comuns, justamente o periodo compreendido entre 610 e 1870, da nossa era, quando o Papado se consolidava, após o seu surgimento, com o imperador Phocas, em 607, e o decreto da infalibilidade papal com Pio IX, em 1870, que assinalou a decadencia e a ausencia de autoridade do Vaticano, em

face da evolução científica, filosofica e religiosa da humanidade.

Quanto ao numero 666, sem nos referirmos ás interpretações com os numeros gregos, em seus valores, devemos recorrer aos algarismos romanos, em sua significação, por serem mais divulgados e conhecidos, explicando que é o Sumo Pontifice da igreja romana quem usa os titulos de "VICARIVS GENERALIS DEI IN TERRIS", "VICARIVS FILII DEI" e "DVX CLERI" que significam "Vigario Geral de Deus na Terra", "Vigario do Filho de Deus" e "Príncipe do Clero". Bastará ao estudioso um pequeno jôgo de paciencia, somando os algarismos romanos encontrados em cada titulo papal, afim de encontrar a mesma equação de 666, em cada um deles.

Vê-se, pois, que o Apocalipse de João tem uma singular importancia para os destinos da humanidade terrestre.

O roteiro de luz e de amor.

Mas, voltemos aos nossos propósitos, cumprindo-nos reconhecer nos Evangelhos uma luz maravilhosa e divina, que o escoar incessante dos séculos só tem podido avivar e reacender. E' que eles guardam a súmula de todos os compendios de paz e de verdade para a vida dos homens, constituindo o roteiro de luz e de amor, através do qual todas as almas podem ascender ás luminosas montanhas da sabedoria dos céus.